



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

FICÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DITADURA NO BRASIL: *MEMÓRIAS DO CÁRCERE E O QUE É ISSO COMPANHEIRO?*

Haidê Silva (USP)

Resumo

O objetivo do presente trabalho é analisar de que forma Ficção, História e Memória se relacionam nas obras *Memórias do Cárcere* (1953) de Graciliano Ramos e *O que é isso companheiro?* (1979) de Fernando Gabeira, no que se refere à representação dos períodos de ditadura no Brasil na ficção através do recurso à memória dos traumas causados pelos períodos de repressão, respectivamente Estado Novo (1937-1945) e Ditadura Militar (1964 – 1985). *Memórias do Cárcere* é um testemunho de Graciliano Ramos sobre a prisão a que foi submetido durante os acontecimentos que antecederam o Estado Novo. É, portanto, uma narrativa de quem foi preso e sofreu as privações provocadas pelo regime ditatorial. O livro foi adaptado para o cinema por Nelson Pereira dos Santos em 1984 e ganhou dois prêmios, incluindo Cannes e APCA. *O que é isso companheiro?*, por sua vez, pode ser considerado um romance-depoimento, no qual Fernando Gabeira busca compreender o sentido de suas experiências: a luta armada, a militância em uma organização clandestina, a prisão, a tortura e o exílio. Nessa obra, Gabeira elabora um retrato do Brasil dos anos 60 e 70. O livro também foi adaptado para o cinema em 1997, sob a direção de Bruno Barreto e indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

Palavras-Chave: Ficção. História. Memória. Ditadura.

Introdução

O objetivo do presente trabalho é tratar das possíveis relações entre ficção, história e memória nas obras *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos (1953), e *O que é isso companheiro?*(1979), de Fernando Gabeira. Para tanto, consideraremos o contexto histórico de produção de cada uma das obras, bem como a reconstrução de cada contexto histórico, pela ficção, através do recurso à Memória dos narradores de cada uma delas.

Partimos da hipótese de que a relação entre Ficção, História e Memória nas duas narrativas que nos propusemos analisar, se tece no jogo entre lembrança e esquecimento. Além disso, os narradores também parecem se esquivar ou esconder-se por trás das incertezas e do registro de passagens obscuras, não sabemos ao certo por quais motivos.

Outra questão importante a nosso ver, é que os narradores não só relatam as lembranças ou os esquecimentos dos períodos históricos dos quais foram testemunhas no passado, mas também refletem não só sobre os acontecimentos passados, mas principalmente sobre os traumas decorrentes da memória desses acontecimentos.

O narrador de *Memórias do Cárcere* descreve minuciosamente os abalos emocionais causados pelos maus tratos sofridos pelos presos, o que conseqüentemente, levou alguns deles a perder o juízo. E, além disso, o narrador também registra a falta de perspectiva de alguns companheiros e até dele mesmo, diante da possibilidade de liberdade. O desconforto causado pela prisão foi tão traumático que ao mesmo tempo em que os presos políticos anseiam por liberdade, eles também a receiam, ou seja, eles acreditam que não têm perspectivas de futuro.

Já o narrador de *O que é isso companheiro?*, conserva a memória traumática do período que se seguiu ao golpe de 1964, relembra as passeatas que aconteceram na Avenida Rio Branco, na frente da sede do Jornal do Brasil onde trabalhava, refere-se à morte do estudante Edson Luís no confronto com a polícia durante a repressão, e das conseqüências desse episódio para a continuidade da luta política contra a Ditadura Militar, faz uma reflexão a respeito dos movimentos de esquerda, principalmente no que se refere à organização da luta armada, relata o episódio que talvez seja o mais importante daquele contexto, o seqüestro do embaixador americano e a repressão que decorrente desse fato, que atingiu não só os que participaram diretamente do seqüestro, mas também qualquer pessoa que tivesse alguma ligação com o grupo de seqüestradores.

Dessa forma, registra-se a memória de um contexto histórico e também reflexões a respeito de tudo o que aconteceu, avaliando não só a sua participação individual, mas também a participação dos companheiros de organização, sem deixar de registrar a repressão do regime autoritário, com a prisão, tortura, morte ou exílio para aqueles que não concordavam com o que estava acontecendo no país.

Memórias do Cárcere

Graciliano Ramos foi preso em 3 de março de 1936, durante o governo Vargas, e sua prisão fez parte dos procedimentos de repressão adotados após a tentativa de golpe militar em novembro de 1935, quando o governo pediu a decretação do estado de sítio por sessenta dias. Nesse contexto, o estado de guerra, a que foi equiparado o estado de sítio, foi sucessivamente prorrogado até junho de 1937.

Em janeiro de 1936, “o ministro da Justiça anunciou a formação da Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo, encarregada de investigar a participação de funcionários públicos e outras pessoas em atos ou crimes contra as instituições políticas e sociais” (FAUSTO, 2009, p. 362). E Graciliano Ramos, escritor, jornalista e funcionário público na ocasião, foi preso e permaneceu encarcerado até janeiro do ano seguinte, sem que houvesse processo ou acusação que justificasse tal feito.

Ainda segundo Fausto (2009), “A criação de um órgão judiciário específico, estritamente subordinado ao governo, era uma medida necessária para garantir a punição dos presos, sem grande consideração pelos princípios jurídicos vigentes”. Fausto define o Estado Novo da seguinte forma:

O Estado Novo perseguiu, prendeu, torturou, forçou ao exílio intelectuais e políticos, sobretudo de esquerda e alguns liberais. [...] No âmbito da história mais recente, ele se apresentava como a consequência lógica da Revolução de 1930. Fazia um corte radical entre o velho Brasil desunido, dominado pelo latifúndio e pelas oligarquias, e o Brasil que nasceu com a revolução. O Estado Novo teria realizado os objetivos revolucionários, promovendo através da busca de novas raízes, da integração nacional, de uma ordem não dilacerada pelas disputas partidárias e entrada do Brasil nos tempos modernos. (FAUSTO, 2009, p. 376)

É esse o contexto histórico de *Memórias do Cárcere*, obra publicada após a morte do autor, em 1953, em quatro volumes. Para a elaboração deste trabalho estamos utilizando a 45ª edição, da Editora Record. Assim, a obra a que nos referimos está dividida em quatro partes: Parte I: Viagens, 33 capítulos; Parte II: Pavilhão dos Primários, 31 capítulos; Parte III: Colônia Correccional, 35 capítulos; e Parte IV: Casa de Correção, 27 capítulos.

No capítulo I, da Parte I, cujo subtítulo é Viagens, o narrador esclarece o que motivou a escrita de suas Memórias:

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos por que silencieei e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. Não vai aqui falsa modéstia, como adiante se verá. Também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance, mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos

esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas? (RAMOS, 2011, p. 11)

De acordo com a explicação mencionada acima, o narrador demorou tanto para começar a escrever suas memórias primeiramente porque não possuía as suas anotações e, portanto, não se sentia capaz de reproduzir os fatos vivenciados. Resolveu então esperar porque gostaria que a tarefa fosse desempenhada por outra pessoa, já que ele não se julgava competente para tanto. Outra questão que o afligia era o fato de lidar com pessoas e com fatos reais, pois temia as consequências disso.

O narrador explica como procedeu durante a elaboração das suas memórias no que diz respeito ao tratamento dado a si mesmo e aos seus companheiros de prisão:

Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos. Foram apenas bons propósitos: devo ter-me revelado com freqüência egoísta e mesquinho. E esse desabrochar de sentimentos maus era a pior tortura que nos podiam infligir naquele ano terrível. (RAMOS, 2011, p. 15)

O procedimento adotado para a elaboração das memórias foi a tentativa de compreender os outros e a si mesmo. Seguiu bons propósitos, mas mesmo assim, admite que pode ter parecido egoísta no passado, mencionando um defeito seu que também poderia ser um defeito coletivo. O narrador ressalta ainda que os sentimentos maus naquele contexto talvez tenha sido a pior tortura.

Quanto ao fato de ter preferido escrever as suas memórias utilizando o pronome da primeira pessoa do singular, o narrador esclarece que:

Desgosta-me usar a primeira pessoa. Se se tratasse de ficção, bem: fala um sujeito mais ou menos imaginário; fora daí é desagradável adotar o pronomezinho irritante, embora se façam malabarismos por evitá-lo. Desculpo-me alegando que ele me facilita a narração. Além disso não desejo ultrapassar o meu tamanho ordinário. Esgueirar-me-ei para os cantos obscuros, fugirei às discussões, esconder-me-ei prudente por detrás dos que merecem patentear-se. (RAMOS, 2011, p. 15-16)

Assim, ficamos sabendo que apesar de não lhe agradar o uso da primeira pessoa, o narrador a utilizou porque isso lhe facilitava a narrativa. No entanto, ele não pretendeu se colocar no primeiro plano da narrativa, pois esse lugar está reservado a outros que merecem destaque.

Depois de explicar o que motivou a escrita das memórias, como procedeu para elaborá-la e por qual motivo utilizou a primeira pessoa, o narrador passa à narrativa propriamente dita, e começa narrando fatos do contexto histórico no qual se deu a sua prisão, período que descreve como “ditadura sem freio”:

A literatura fugia da terra, andava num ambiente de sonho e loucura, convencional, copiava figurinos estranhos, exibia mamulengos que os leitores recebiam com bocejos e indivíduos sagazes elogiavam demais. O romance abandonava o palavão, adquiria boas maneiras, tentava comover as datilógrafas e as mocinhas das casas de quatro mil e quatrocentos. Uma beatice exagerada queimava incenso defumando letras e artes corrompidas, e a crítica policial farejava quadros e poemas, entrava nas escolas, denunciava extremismos. Um professor era chamado à delegacia: _ “Esse negócio de africanismo é conversa. O senhor quer inimizar os pretos com a autoridade constituída”. O congresso apavorava-se, largava bambo as leis de arrocho – e **vivíamos de fato numa ditadura sem freio**. Esmorecida a resistência, dissolvidos os últimos comícios, mortos ou torturados operários e pequeno-burgueses comprometidos, escritores e jornalistas a desdizer-se, a gaguejar, todas as poltronices a inclinar-se para a direita, quase nada poderíamos fazer perdidos na multidão de carneiros. (RAMOS, 2011, p. 30). (Grifos nossos).

O contexto histórico descrito pelo narrador de fato é bastante peculiar, pois a literatura perdia a qualidade em decorrência da censura, as escolas e os professores perderam a autonomia e encontravam-se vigiados, os jornais censurados e os jornalistas obrigados a desdizer o que haviam dito. Nesse contexto histórico de censura, repressão e tortura, a sociedade não tinha muitas expectativas e sofria as consequências do regime de repressão.

E justamente por esses motivos, a prisão do narrador permanece sem esclarecimento. Ele esperou em vão pelo momento em que seria interrogado, mas isso não aconteceu e ninguém ofereceu explicação para os acontecimentos arbitrários:

A minha situação não melhorava nem piorava. Ausência de processo, nenhuma testemunha; adiava-se, provavelmente não se realizaria o interrogatório longamente esperado. Minha mulher andava pelas repartições, a inquirir debalde; em falta de esclarecimentos, enviavam-na de um lugar para outro. (RAMOS, 2011, p. 274-275)

Além de presos sem processo, as transferências de prisão se sucediam sem que ninguém respondesse à pergunta para onde vamos? Esse procedimento causava insegurança, desorientação, angústia e nervosismo entre os presos, que aguardavam ansiosos o próximo passo esperando sempre pelo pior:

Se nos deixassem quietos, percevejos a sugar-nos, camas de ferro a escoriar-nos, tudo ficaria bem. Mas sempre nos removem, sem explicações, mostrando que não temos direito ao sossego e tanto podemos ir para a sala da capela, reclusão de burgueses e professores da universidade, como para a Colônia Correccional, onde guardam a canalha, o enxurro, vidas sórdidas. (RAMOS, 2011, p. 365)

Os presos foram confinados sem respeito aos direitos fundamentais, ou seja, não sabiam nem sequer o motivo da prisão, do que tinham sido acusados e quais seriam os procedimentos jurídicos. A respeito da supressão dos direitos, a compreensão do conceito de Estado de Exceção pode nos ajudar a entender melhor o contexto histórico a que se refere:

Em nosso estudo do estado de exceção, encontramos inúmeros exemplos da confusão entre atos do poder executivo e atos do poder legislativo; tal confusão define uma das características essenciais do estado de exceção. [...] Porém, do ponto de vista técnico, o aporte específico do estado de exceção não é tanto a confusão entre os poderes, sobre o qual se insistiu bastante, quanto o isolamento da “força de lei” em relação à lei. Ele define um “estado da lei” em que, de um lado, a norma está em vigor, mas não se aplica (não tem “força”) e em que de outro lado, atos que não têm valor de lei adquirem sua “força”. [...] O estado de exceção é um espaço anômico onde o que está em jogo é uma força de lei sem lei. (AGAMBEN, 2004, p. 60-61)

Assim, “O estado de exceção não é uma ditadura, mas um espaço vazio de direito, uma zona de anomia em que todas as determinações jurídicas – e, antes de tudo, a própria distinção entre público e privado – estão desativadas. (AGAMBEN, 2004, p. 78)

O narrador parece não ter sido vítima de maus tratos e nem de tortura na prisão “A ordem pública julgava-me inofensivo, tanto que nem me afligia com perguntas, mas não revelava o intuito de mandar-me embora” (RAMOS, 2011, p. 275), mas denuncia, em seu relato, a tortura sofrida pelos companheiros “Ao deixar a sala de tortura, Sérgio mexia-se a custo: andava nas pontas dos pés feridos, arrastando os sapatos, os calcanhares fora dos tacões: a rigidez do couro magoava-lhe a carne viva, sangrenta. (RAMOS, 2011, p. 212).

A narrativa das memórias segue então num jogo entre lembrança, esquecimento, incertezas e registro do processo traumático pelo qual passaram os prisioneiros, o que dificultaria a vida fora da prisão após serem libertos. A respeito das relações difíceis entre história e memória e do trabalho inseparável de lembrança e esquecimento, Montolli (2013), afirma que:

Na apreensão da relação da memória à história, Ricoeur (2007) detecta a verdade como sendo o elemento comum entre ambas. Segundo esse autor, a busca do passado, visando à exatidão, à fidelidade, à verdade, tende a invalidar a ideia da equivalência da memória à imaginação. Se esta última se identifica com o irreal e com a ficção, a memória, apesar de sua fragilidade e de seus enganos, visa, ao contrário, à fidelidade e à verdade. A história reencontra, então, a memória nessa sua ambição de verdade. (MONTOLLI, 2013, p. 39)

Ainda segundo Montolli (2013), o esquecimento foi abordado por Ricoeur (2007), de uma forma particular, como um “atentado à fiabilidade da memória, uma falha, uma lacuna”. E a respeito da memória e de suas relações com o passado e o futuro, a autora afirma:

A memória confere sentido ao passado como diferente do presente e do futuro e é como se tornasse épica a luta pela sobrevivência, possível na figura do narrador. Evocações da memória configuram o passado e a capacidade de reter, subjazendo a garantia de identidade e, igualmente, conferindo a imortalidade pelo lembrar os mortos. O que é memorável não morre. Aliás, a morte não chega com a velhice, mas com o esquecimento. O reforço do revelar e exibir a sua individualidade enquadra a coragem de possibilidade e realização quotidiana, que nos reporta para a já clarificada diferença entre estar vivo e estar completamente vivo. (MONTOLLI, 2013, p. 47)

Assim, nesse jogo entre lembrar e esquecer, e nas relações da memória com o passado e o futuro, há passagens da narrativa em que o narrador afirma lembrar-se perfeitamente dos acontecimentos passados, como por exemplo, quando descreve a esposa de Luiz Carlos Prestes “Olga Prestes era branca e serena” (RAMOS, 2011, p. 216). O narrador se esforça para fixar o passado na memória, justamente para não se esquecer dos companheiros de prisão:

Ao sair da caixa móvel, José Gomes, o velho Eusébio, Guerra, Zoppo, deixavam de ser sombras, ganhavam corpo: **lembro-me deles**. Mangaratiba é um lugar miúdo, que procuro fixar na memória para não me esquecer dos companheiros. Uma povoação triste e abafada, com montes em redor. (RAMOS, 2011, p. 399). (Grifos nossos).

Por outro lado, o narrador também se refere a momentos do passado dos quais não consegue lembrar:

Tento lembrar-me de qualquer coisa exterior, vista nos campos, nas plataformas das estações. Não me lembro de nada, inúteis as pessoas, inútil a paisagem. Rodávamos no meio de laranjais, observei-os no regresso. Não havia laranjais. Havia apenas a informação desgraçada: mais três meses de guerra. [...] O soldadinho magro e pálido era uma criatura boa, não tinham força para incutir-lhe ferocidade. O instinto o levava a conversar comigo, a ver em mim um tipo como ele. Uns miseráveis o açulavam debalde: não sabia morder. Com certeza desejei agradecer-lhe, e o receio de parecer covarde abafou o impulso. **Não me recordo**, isso me aconteceu algumas vezes. Nevoeiro mental, fugas, carência de nexos, o estado de guerra e os buracos do tintureiro. (RAMOS, 2011, p. 397). (Grifos nossos).

Há relatos de momentos passados dos quais o narrador não se lembra muito bem são, portanto, incertos, parecem uma falha na memória ou talvez as incertezas sejam propositais para provocar a reflexão a respeito do que poderia ter sido:

Penso haver falado pouco mais ou menos assim. Em redor me afirmaram disposições pacíficas. Bem. E dirigi-me ao funcionário de rosto manhoso: _ Diga ao diretor que não tencionamos fazer revolução aqui dentro. O jantar voltou porque era demais. É impossível, deitados, sem exercício, digerirmos tanta carne, tanta farinha: não temos estômagos de jibóia. Ignoro se a comida é ruim, nunca toquei nela, a minha parte sempre foi devolvida intacta. Não é protesto, é que não posso engolir isso. (RAMOS, 2011, p. 388). (Grifos nossos).

E por último, o narrador faz referência ao trauma causado por aquele momento no qual ele e alguns companheiros estiveram presos e das consequências da prisão para o futuro de cada um deles:

A tatuagem meio desfeita era medonha. Esforçara-me em vão por desviar dela a vista, o homem delicado aventurara uma confiança assombrosa: acabava de cumprir sentença e temia ser solto. Para onde havia de ir? Acostumava-se ao serviço leve na rouparia. Dentro de dois anos mandá-lo iam embora. E perguntava aflito: _ “Para onde?”. Essas palavras tinham-me impressionado e não me cansava de repeti-las. Ao deixar a sala, fazia a mim mesmo a pergunta do rapaz do esqueleto: _ Para onde? (RAMOS, 2011, p. 367)

Se o companheiro de cárcere se perguntava o que fazer quando conseguisse a liberdade, e não conseguia encontrar perspectivas de futuro, o mesmo acontece com o narrador, diante da impossibilidade de retomada do seu caminho, sem os vestígios que a prisão deixaria neles:

Para onde me enviavam com aquela gente desconhecida? Pensei no gracejo de Walter Pompeu: _ “Liberdade? Nunca mais. Quando houver uma greve de barbeiros, agarram você”. A Colônia Correcional, uma desgraça. Mas se por acaso me lançassem na rua, seria desgraça também. **Em que me iria ocupar? Sentia-me incapaz de trabalho, a vida se estragara.** Camaradas antigos voltariam a cara, dobrariam esquinas ao ver-me, receosos de comprometer-se. havia em mim pedaços mortos, ia-me, aos poucos, habituando à sepultura; difícil ressurgir, vagar na multidão, à toa, como alma penada. (RAMOS, 2011, p. 367). (Grifos nosso).

O isolamento social decorrente do encarceramento tem como consequência o fato de que a liberdade tão almejada pelos presos passasse a ser vista com receio, justamente porque não havia perspectivas de futuro, pois os presos sabiam que não seriam bem recebidos quando retornassem ao meio social do qual foram arrancados. Nesse contexto, o narrador se considera praticamente morto. Simbolicamente, é como se eles estivessem mortos para a sociedade e, portanto, voltar a ela, ou seja, viver novamente, seria quase impossível, já que o cárcere matou alguma coisa em cada um dos encarcerados, que não se poderia recuperar jamais. Assim, como sobreviver sem a recuperação do que foi perdido? E o que exatamente foi perdido? Em alguns casos a dignidade, em outros a própria vida.

O que é isso companheiro?

Fernando Gabeira, é escritor e jornalista que se destacou logo no início da carreira, enquanto redator do Jornal do Brasil, onde trabalhou de 1964 a 1968. No final dos anos 60, Gabeira ingressou na luta armada contra a Ditadura Militar e foi preso e exilado.

O Regime Militar foi instaurado no Brasil através do Golpe de 1964, ocasião em que os militares assumiram o governo do país em resposta a uma série de reformas e medidas anunciadas pelo governo João Goulart. A proposta inicial era livrar o país da corrupção e do comunismo e restaurar a democracia, mas o novo regime acabou por mudar as instituições do país através dos Atos Institucionais que tinham por objetivo reforçar o Poder Executivo e reduzir a ação do Congresso.

O que é isso companheiro? é portanto um testemunho dos acontecimentos que se deram nesse contexto histórico. A obra foi publicada logo após a anistia e tem como propósito contar a aventura coletiva da resistência à ditadura militar no Brasil. Quanto à estrutura, o livro está organizado em 16 capítulos nesta ordem: Homem correndo da polícia; fica conosco, Aragão; engolindo sapos; desamando uns aos outros; Caparaó, a guerrilha sobre o morro; O buraco é mais embaixo, Monsieur; Somos todos cosmonautas?; Sangue, gases e lágrimas; Um dia vão entender; O ritual de iniciação; Ser mãe; Retrato de família, com os homens; As histórias

da O; Visita, só aos domingos; Babilônia, Babilônia; Onde o filho chora e a mãe não ouve.

Sobre o significado da narrativa, o narrador esclarece que ela é fruto de um homem que viveu correndo da polícia, e que escreve para tentar compreender como foi que as coisas se passaram para que ele se visse em semelhante situação em tão pouco tempo:

No entanto, era preciso correr. Correr rápido para chegar a tempo e meio disfarçado para não chamar a atenção dos carros militares. E talvez o cara da esquina nem fosse de esquerda. Foi assim, nessa corrida meio culpada, que me ocorreu a ideia: se escapo de mais essa, escrevo um livro contanto como foi tudo. Tudo? Apenas o que se viu nesses dez anos, de 1968 para cá, ou melhor, a fatia que me tocou viver e recordar. Este, portanto, é o livro de um homem correndo da polícia, tentando compreender como é que se meteu, de repente, no meio da Irarrazabal, se havia apenas cinco anos estava correndo da Ouvidor para a Rio Branco, num dos grupos que fariam mais uma demonstração contra a ditadura militar que tomara o poder em 1964. Onde é mesmo que estávamos quando tudo começou? (GABEIRA, 2009, p. 11)

A escrita é uma tarefa que o narrador se atribuiu caso conseguisse sobreviver à repressão e soa quase como uma promessa feita em um momento difícil, e que se transformaria em dívida para consigo mesmo e para com os companheiros mortos pela ditadura militar: “Sobrevivi. E pensei que fosse interessante contar a história” (GABEIRA, 2009, p. 126)

O narrador passa então à descrição do contexto histórico, relatado de acordo com as suas recordações. E dessa forma, não poderia deixar de fazer a denúncia da repressão que caracterizou tal período em questão:

A morte de Edson Luís no Calabouço foi um novo alento para um movimento de massas que já estava em ascensão. O encontro entre a PM e os secundaristas, que protestavam contra os preços e a comida do Calabouço, parecia que ia ser apenas mais um encontro: bombas pra cá, gritos e vaías pra lá, e todos continuariam o dia dentro da maior normalidade. O tiro que matou Edson disparou também um processo que a própria direção do movimento não conseguiria controlar. Primeiro foi o choque, o grito de ódio. Em seguida foi o corre-corre, o vaivém, o zum-zum, sem que se soubesse exatamente o que fazer. A ideia de levar o corpo para a Câmara dos Vereadores, ninguém poderia negar aquela morte, enquanto a notícia ia correndo pela cidade, mobilizando as pessoas. De todo lado começava a chegar gente. (GABEIRA, 2009, p. 55)

À semelhança do processo narrativo adotado em *Memórias do Cárcere*, o narrador de *O que é isso companheiro?* tece sua narrativa no jogo entre lembrança, esquecimento e incertezas. Assim, há acontecimentos dos quais o narrador se lembra perfeitamente:

Lembro-me de que o carcereiro abriu a porta do X2 na Operação Bandeirantes e me chamou para subir. Reclamei: “Poxa, já depus, não tenho nada a dizer”. O carcereiro, creio que era o marechal, disse apenas: “Parece que é só pão. Sem porrada”. Subi as escadas com o coração na mão. Na PE, descíamos as escadas com o coração na Mao. Era de noitinha e a equipe mais dura estava de plantão – a equipe de Albernaz. Deram-me um álbum de fotos com todas as pessoas caídas em Ibiúna. Perguntaram se conhecia alguém e fiquei horas olhando o álbum. Era uma

chance de matar as saudades. Como estava magra a Soninha, que cara de cansados tinham todos. O escrivão se impacientou: “Ô rapaz, conhece ou não conhece? Se não conhece é melhor voltar pra cela e parar de empatar nosso tempo”. Pensar que o álbum ainda existe. O amigo estava ali. Provavelmente com a boca seca e certamente com os olhos espantadíssimos. **Nunca mais o vi.** (GABEIRA, 2009, p. 83). (Grifos nossos).

Mas há outros acontecimentos, dos quais o narrador não se lembra de forma alguma:

Era uma quinta-feira, principio de primavera. **Não me lembro** se o verde era mais intenso, se havia algum cheiro especial no ar. **Não me lembro de nada**, exceto de que era um dia nublado, desses milhares de dias que entram na gaveta da memória e de lá não saem jamais. É uma vergonha: uma coisa de tanta gravidade, tão importante na vida de todos nós que fazíamos a luta armada, e o narrador, sempre que pensa no episódio, só se lembra de uma frase. A frase de Richard Nixon para William Rogers, ao ser informado, de madrugada, de que o embaixador americano fora seqüestrado numa rua da zona Sul do Rio de Janeiro: “Rogers, que merda é essa?” (GABEIRA, 2009, p. 95). (Grifos nossos).

Alguns acontecimentos do passado são relembrados de forma incerta, pois o narrador não tem certeza se eles se passaram exatamente de acordo com a lembrança que conserva deles:

Pode até ser que a frase não tenha sido exatamente essa. Que isso tenha sido uma pura invenção do Daniel, tentando imaginar o diálogo que as agências anunciaram naquela madrugada. O fato é que jamais saiu da minha cabeça. Cada vez que me lembro do episódio, é ela que se impõe, abrindo caminho nos mil e um detalhes que se acumulam na memória. Ainda hoje, olhando a rua da janela do sexto andar, vejo os punks se esfaqueando na entrada do prédio e me pergunto: Rogers, que merda é essa? A frase passou a ser uma chave para tudo que acontece muito rápido, de supetão: vupt e pronto, *just like that*. (GABEIRA, 2009, p. 96). (Grifos nossos).

E finalmente, há momentos do passado dos quais seria melhor não se lembrar, pois estes provocaram traumas que não podem ser reparados pelo tempo e, portanto, fazem mal a memória de quem sobreviveu e não pode deixar de lembrá-los:

A condenação dos homens, justiça militar, isso não é nada. **Pior é a memória de quem lembra.** Começamos um intenso processo de treinamento militar. Com o AI-5 fomos jogados mais ainda na clandestinidade. Saíamos nos fins de semana para uma praia deserta, como quem fosse fazer um piquenique. Dentro de nossas cestas, os revólveres e as balas; dentro das garrafas, a gasolina. Montávamos um tiro ao alvo na areia, de frente para o mar. Eram uns velhos revólveres 22 e o alvo estava sempre perto, o alvo estava sempre imóvel. Voltávamos com a maior confiança do mundo em nossas capacidades militares. E o que sabíamos? Atirar regularmente com um revólver 22, preparar um ou outro coquetel Molotov, que explodíamos nas pedras. O feijão com arroz. (GABEIRA, 2009, p. 80-81). (Grifos nossos).

Considerações Finais

A relação entre Ficção, História e Memória nas duas obras analisadas nesse trabalho se tece em uma narrativa que privilegia o jogo entre lembrar e esquecer. Os narradores se colocam na posição de testemunhas dos contextos históricos em que viveram, e desse lugar em que falam, são capazes de relatar as especificidades de cada um dos períodos de ditadura em questão, e também de registrar as formas de repressão utilizadas para calar os opositores, ou supostos opositores ao regime autoritário. Os narradores também fazem uma reflexão, à medida que reconstituem os acontecimentos através da memória que conservam do passado, a respeito da participação individual e coletiva nos acontecimentos. E dessa forma, se lembrar perfeitamente de alguns acontecimentos e acabaram por não se lembrar muito bem, ou por se esquecerem completamente de algumas coisas. Os narradores também se referem aos traumas causados pelos períodos de repressão e encarceramento e o quanto é traumático conservar a memória desses acontecimentos, principalmente porque aqueles que sobreviveram acabaram por se atribuir a tarefa de escrever a história, justamente para conservar a memória dos mortos e para que as arbitrariedades cometidas não caíam no esquecimento.

O narrador de *Memórias do Cárcere* foi preso e testemunhou a tortura de seus companheiros, ou seja, dos presos políticos durante o governo Vargas, e dessa forma, pode registrar e refletir a respeito do contexto histórico que antecedeu a implantação do Estado Novo (1937-1945) no Brasil. A sua narrativa recupera o passado através da memória que conserva dos acontecimentos. E assim, no jogo entre a lembrança e o esquecimento, pode compreender melhor a sua atuação e a atuação coletiva naquele contexto e, portanto, através da narrativa de suas memórias recupera o passado e a dignidade perdida, a sua e a dos companheiros mortos pelo governo autoritário.

E o narrador de *O que é isso companheiro?* participou ativamente do movimento de resistência à Ditadura Militar (1964-1985) no Brasil, e portanto, não poderia deixar de sofrer as consequências de ter ousado resistir: foi preso, torturado e exilado. Esse narrador também se propõe a recuperar os fatos através da memória que ainda conserva dos acontecimentos, e à semelhança do narrador de *Memórias do Cárcere*, também constrói a sua narrativa no jogo entre lembrar e esquecer. Assim, ele não só registra a participação individual e coletiva no movimento de resistência, mas também denuncia a repressão e provoca uma reflexão a respeito da atuação política dos movimentos de esquerda.

Assim, a relação entre Ficção, História e Memória nas narrativas analisadas se constroem no interior das próprias narrativas, à medida que os narradores se propõem a tecê-las no jogo entre lembrança e esquecimento e dessa forma, os acontecimentos históricos são reconstituídos a partir da memória, capaz de transitar pelos tempos presente, passado e futuro, e principalmente de garantir que tais acontecimentos não sejam esquecidos, pois a memória que se conserva deles será preservada para o futuro através da ficção.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo , 2004 (Estado de sítio)

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso companheiro?* 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Le GOFF, Jacques. *História e Memória*. 6ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MONTOLLI, Carolina. *História, Discurso e Memória: Crimes da Ditadura Militar na Perspectiva Internacional*. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2013. KOBO EPUB

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 45ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas,SP: Editora da Unicamp, 2008.